

livro *Das Brasilianische Geldwesen*, diz nada, que possa auctorizar tal opinião.

b) Terem as matrizes sido effectivamente feitas nos annos que as moedas indicam, mas não se ter procedido á cunhagem d'estas senão em 1769. Esta hypothese parece accetavel, porque, tendo a cunhagem da prata, indicada na *Estatistica*, sido de 86:241\$210 réis nos dois annos de 1752 e 1753, foi em 1769 de 694:468\$870 réis, baixando em seguida em 1770 a 77:736\$000 réis e em 1771 a 2:124\$720 réis, sendo de notar que desde 1752 a 1808 em anno algum foi attingida aquella cifra de 694:468\$870 réis.

c) Ter-se cunhado moeda de prata nos ou nalguns dos annos comprehendidos no periodo de 1754 a 1768, mas só se ter feito em 1769 a liquidação e escripturação do trabalho executado. Esta hypothese é tão accetavel como a antecedente.

Qual das tres será porém a verdadeira?

Lisboa, Agosto de 1898.

MANOEL F. DE VARGAS.

A lenda coimbrã da freira das mãos cortadas

Um epitaphio em versos leoninos

Em livro manuscripto, hoje existente na Repartição de Fazenda do districto de Coimbra, Secção dos Conventos Supprimidos, e que noutros tempos pertenceu ao cartorio do mosteiro de Cellas, arrabaldes da mesma cidade, lê-se uma introdução historica, escripta no meado do sec. XVII por Fr. Bernardo da Assumpção, da qual transcrevo o trecho seguinte:

«No anno de mil trezentos, e trinta foy eleita (*abbadessa d'este mosteiro*) Dõna Maria Fernandez Religiosa de estremada virtude: no capitulo em huã pedra branca esta huã memoria sua ja taõ gastada, que se naõ pode ler cousa, que faça sentido, nem colligir o discurso de sua vida: Ha tradiçãõ que a esta senhora louvandolhe as mãos as cortara, e recolhendose á cella miraculosamente lhe foraõ restituídas: Caso taõ raro, que duuido eu succeder outro semelhãte: Naõ foraõ os annos de sua Prelazia muytos, por que ja no anno de mil trezentos, e quarenta se acha escriptura em qu Donna Domingas Esteuez que lhe succedeo na Prelazia ouue sentença contra El Rey de dous casaes na Lousaã: Tambem os annos desta Prelada foraõ breues, por quanto no

anno de mil trezentos, e quarenta, e tres se vem escrituras de Dõna Tareja Remondo, de gente Nobilissima daquelles tempos, e no anno seguinte fez troca, e escambo com El Rey Dom Dinis.....»¹.

Um seculo depois (1744) de isto haver sido escripto, foi publicado o tomo iv do *Agiologio lusitano*, e nelle, a p. 517, disse D. Antonio Caetano de Sousa, ao dia 11 de Agosto:

«No Mosteiro de Cellas de Coimbra se conserva a memoria de D. Maria Fernandes, eleita Abbadessa deste Religioso Mosteiro, no anno de 1330, pessoa de abalizada virtude, em que o desprezo de si mesma, foy taõ abatido, que lhe parecia ser obrigada a se aniquilar ao mais profundo da humildade, naõ querendo houvesse cousa nella, que merecesse louvor. Consta por tradiçaõ daquella Casa, que por hum Prelado daquella Diocesi lhe louvar as mãos de bem feitas, as cortara logo, e recolhendo-se à cella afflictiva lhe foraõ restituídas por intercessaõ de Nossa Senhora: mereceria a sua fervorosa devoçaõ à Virgem este singular favor, que o seu indiscreto zelo lhe fez obrar; porém como Deos vê os corações, e por elles costuma retribuir, sendo occulto aos perspicazes olhos dos criticos, as causas porque obra, sem que queira sirvaõ de exemplo semelhantes resoluções».

E a p. 518 do mesmo tomo, em *Commentario* ao referido dia 11 de Agosto, acrescenta:

«No Mosteiro de Cellas de Coimbra, se conserva huma antiga tradiçaõ do caso referido, que se continua com huma pintura, que no Claustro está, onde se vê pintado este successo, verdadeiramente estranho, mas naõ novo, acreditado de Authores de boa nota².....
.....Destá sorte, nada tem de impossivel o caso da Madre D. Maria Fernandes, Abbadessa de Cellas, cujas memorias chegaõ até o anno de 1340. No Capitulo daquella Casa se conserva em huma pedra hum Letreiro do seu tempo, mas taõ gasto, que já se naõ póde formar sentido do que contém. O referido tirámos das Memorias m.s. que deste Mosteiro se nos mandaraõ».

¹ *Cellas—Index da Fazenda* (n.º 44), fl. iv v.

² Seguem-se citações de alguns AA., que referem casos semelhantes. Nesta parte D. Antonio Caetano de Sousa quiz refutar, ao que parece, a opinião aventada por Fr. Bernardo da Assumpção no trecho inedito que acabo de publicar: *Caso taõ raro, que duvido eu succeder outro semelhãte.*

A lapide a que se referem estas noticias está hoje depositada no Museu de Antiguidades confiado á guarda da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra. Parece realmente que nesta pedra ha referencia á lenda, consignada por varios AA., da freira das mãos cortadas.

Mede a referida lapide 0^m,62 de altura \times 0^m,51 de largura. Ha nella, á esquerda do espectador, uma larga margem de alto a baixo, sem inscripção, onde se vêem dois ediculos pouco profundos, um sobre o outro. No superior destaca em baixo relevo uma freira de joelhos, mãos erguidas, nas quais lhe pega a Virgem, que tem o Menino ao collo; no inferior está esculpido da mesma fórma um bispo revestido *in pontificalibus*. O resto da pedra é occupado por extensa inscripção.

Toda a lapide foi dourada, e as letras cheias de massa ou betume preto, de que ainda restam alguns vestigios insignificantes.

Um rapido exame revela-nos á primeira vista que esta lapide foi esculpida no sec. XIV. Tanto o character da esculptura, como a fórma das letras não deixam dúvidas no nosso espirito.

Haverá nesta pedra referencia ao miraculoso e estupendo successo? Se porventura a houver, temos aqui um dos casos, aliás não muito raros, de uma lenda formada ainda em vida ou logo depois da morte da pessoa a quem se refere.

A esculptura marginal nada nos diz, posto que estejamos certos de que foi nella que se originou a lenda. A Virgem, pegando nas mãos da freira ajoelhada, tanto póde estar a unir-lh'as aos braços, donde houvessem sido decepadas, como a convidá-la a erguer-se ao ceu, para receber o premio das suas virtudes; o bispo, se póde representar o que lhe gabou as mãos, tambem póde significar o santo especial patrono da freira.

Resta-nos a inscripção: mas esta encontramos-la no meado do sec. XVII *ja taõ gastada, que se naõ pode ler cousa, que faça sentido*.

Em todo o caso bom é tentar decifrá-la.

O paciente e consciencioso archeologo Ayres de Campos, trabalhando sobre um calco tirado por outro notavel archeologo conimbricense, Pereira Coutinho, prior da Sé-Velha, conseguiu ler alguma cousa, interpretando comtudo mal várias passagens. Eis o que elle publicou:

«Sepulchral de outra religiosa, talvez abbadessa, do dicto mosteiro de Cellas de Coimbra . . . com tantas falhas e mutilações que só, e mal, podemos decifrar as seguintes palavras:

.....LAVDABILIS :NEDICTA :

VIRGINEIS : ...IME : HONORIS :

PÓS ANCILLA : DÑI : VENERABILIS ILLA :

CĒT : SACR̄ : SACROS · NVMOS : DONAVIT . . .

CLARVIT : HEC : VNA : QVASI SOL : ET : LVCIDA : LVNA :

VIRTVTV̄ : DONIS : Ī : CLAVSTRO : RELIGIOM̄S

TOTV̄ SĀCTORVM :

SIC : Ī : AVRORA : RVTILET : LVX · ORTA : DIEI :

SIC : SVPER : ASTRA : NITET : HEC : SAC̄ : SPŌSA : DIEI :

IAM : CAPIT : HOC : TVMVLV̄ : CELESTIS : AMORIS :

.....»¹

Com paciência e algum trabalho consegui ler a inscrição toda, sem vislumbre de dúvida na sua leitura. Está bastante gasta em partes, mas não tem mutilações; a única falha que nella se encontra de um simples D na 4.^a linha facilmente se suppre.

É um elogio, em phrases largamente encomiasticas, feito á virtuosa abbadessa D. Maria Fernandez, terminando pela data da sua morte. Não exerceu o abbadessado até á era de 1340, como se tem supposto; falleceu a 27 de Novembro da era 1338 (A. D. 1300) segundo refere a inscrição. A respeito do córte e pagamento das mãos nada se diz, como era de esperar.

D'onde se vê que a lenda, que certamente nasceu da escultura marginal d'esta lapide, e que se suppunha ser confirmada pela attes-tação do successo feita na inscrição coeva, que nella se divisa, tem em seu apoio unica e exclusivamente uma interpretação errada da referida escultura.

¹ *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra a cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto, Supplemento 1, p. 30 e seg.*

Eis a transcripção fidelíssima do epitaphio que hoje sae a lume pela primeira vez:

<p>Edicula com a Virgem, o Me- nino e a freira.</p>	HIC : D'VOTA : DŌ : IACET : ABBATISA : SEPVLTA :
	QVĀ : SVA : COLLAVDAT : BŌITAS : ET : GRĀ : ML'TA :
	MORIB ⁹ : EXIMIA : VGO : FVIT : ISTA : MARIA :
	F'NĀDI : DĀ : LAVDABILIS : ET : BŒDICTA :
	VGINEIS : SOCIATA : CHORS : IĀ : CVLMĒ : HONORIS :
	POSIDET : ANCILLA : DŒI : VENERABILIS : ILLA :
	INT' : SACR' : SACROS : NVM'OS : DŒAR' :
	CLARVIT : HEC : VNA : QSI : SOL : 7 : LVCIDA : LVNA :
	VTVTV : DONIS : I : CLAVST ^o : RELIGIONIS :
	TOTV : SĀ : CHOR : FACIT : ABBATISA : D'CORVM :
<p>Edicula com o bispo.</p>	SIC : I : AVRORA : RVTILAT : LVX : ORTA : DIEI :
	SIC : SVP' : AST' : NITET : HEC : SAC : SPŒSA : DŒEI :
	IAM : CAPIT : HEC : CVMVLV : CELESTIS : AMORIS :
	QVE : BŒE : VGINEI : SERVAV : CLAVST : PVDORIS :
	HVI ⁹ : XPE : P'CET : P' : NB : Q'SVM ⁹ : AVDI :
	NOSQ' : TVE : SEP' : FACIAT : ITED'E : LAVDI :
	ĀNOS : SI : IVNGAS : TER : DENIS : MILLE : T'CETIS :
	ADIŒCTIS : OCTO : PATET : ERA : T : MORIETIS :
	ISVP' : ACCEDAS : Q'ŒNĀ : LVX : ANTE : KL'S :
	QVA : MORTE : SVBIIT : QNTA : D'CEBRIS : ERAT :

Que deve ler-se:

*Hic deuota Domino iacet abbatissa sepulta,
Quam sua collaudat bonitas, et gratia multa.
Moribus eximia virgo fuit ista Maria
Fernandi dicta, laudabilis et benedicta.
Virgineis sociata choris, iam culmen honoris
Possidet ancilla Domini venerabilis illa.
Inter sacrarum sacros numeros Domnarum
Claruit haec una, quasi sol et lucida luna.*

*Virtutum donis, in claustro religionis,
 Totum sancta chorum facit abbatissa decorum.
 Sicut in aurora rutilat lux orta diei,
 Sic super astra nitet haec sacra sponsa dñei¹.
 Iam capit haec cumulum coelestis amoris,
 Quae bene virginei seruauit claustrum pudoris.
 Huius, Christe, precet² pro nobis quaesumus audi,
 Nosque tuae semper faciat intendere laudi.
 Annos si iungas ter denis mille trecentis
 Adiunctis octo, patet era tibi morientis;
 Insuper accendas³ quoniam lux ante kalendas,
 Qua mortem subiit, quinta decembris erat.*

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

O castello de S. Miguel-o-Anjo

Mais alguns achados

Em uma nota do artigo que, sobre o castello de S. Miguel-o-Anjo, de Azere (Arcos-de-Valdevez), foi publicado no *O Archeologo Português*, I, 161, referia eu a circumstancia de existirem ainda no alto d'esse castro as ruinas de uma capella, que fôra da invocação de S. Miguel.

A minha curiosidade, em um caso d'estes, sentiu-se estimulada pela miragem de importantes achados que a capella de um castro e com aquelle appellido, poderia muito bem reservar ao meu entusiasmo de incipiente pesquisador de antigualhas (Veja-se *Arch. Port.*, I, 43 e II, 137).

Mas por fim, se não foi absolutamente esteril o trabalho de remexer naquellas modestas ruinas, tambem é infelizmente certo que ellas não sepultavam o que eu sonhára por alli. Os que, ha dezenas de

¹ *Sic.* Deveria estar *Dei* (?).

² *Sic.* Creio que o esculptor, por erro, gravou P'CET em vez de P'CES (*preces*).

³ *Sic.*